COMITÊ DE EDUCAÇÃO EM ARTES VISUAIS: UMA ANÁLISE DAS QUESTÕES DE PESQUISA DA ANPAP 2008

Irene Tourinho, FAV/UFG

Resumo
Este trabalho faz um levantamento e análise de questões presentes nas pesquisas apresentadas ao Comitê de Educação em Artes Visuais durante o 17º Encontro da ANPAP. Com o objetivo de compreender o panorama de preocupações e interesses que estas investigações levantam, organizo as perguntas de forma a evidenciar rotas epistemológicas que elas articulam, delimitam e propõem para a área. Uso a metáfora do mar para ressaltar o caráter dinâmico, de movimento e extensão que as questões projetam. Reforço a idéia de que são as perguntas que nos movem em direção à temas e práticas de investigação delineando contornos da pesquisa na área.
Palavras-chave: investigação, artes visuais, educação.

Abstract
This paper presents a survey and analysis of the questions raised in the papers presented to the Visual Arts Education Committee during the 17º meeting of ANPAP. Aiming to understand the preoccupations and interests that such research questions show, I organized the questions in order to make evident epistemological routes that they articulate, delimitate and propose to the area. I use a metaphor of the sea to emphasize the dynamic character of movement and extension that these questions project. I reinforce the idea that the questions move us in the direction of themes and research practices delineating contours of the investigations of the area.
Keywords*: investigation, visual arts, education.*

Quero começar lembrando o escritor moçambicano, Mia Couto, que diz não ter ‘terra-mãe’ pois, tendo nascido numa cidade à beira do Oceano Índico, prefere dizer que tem ‘água-mãe’. Segundo ele, “o tempo anda por ondas”. Mas há uma frase especial de Mia Couto (2000) que tomei como mote para este texto: “Lançamos o barco, sonhamos a viagem: quem viaja é sempre o mar” (p.17). Ele atribui a idéia ao avô Celestiano, sabedor profundo do mundo dos mares e, sem dúvida, de muitos outros mundos.

A frase de Mia Couto serve para caracterizar as contingências em que me encontrei enquanto preparava este trabalho. Parafraseando, é possível dizer que ‘a pesquisa se move por perguntas’ e são elas que viajam, que levam os barcos carregados de sonhos para descobrir, ver, entender, conhecer e encontrar. Mas a frase não apenas acompanhou o levantamento de questões. Ela também impulsionou a feitura deste texto. Lançamos as questões, sonhamos a viagem: quem viaja é sempre o mar. Foi com essa idéia de adentrar um mar, de sentir sua imensidão e me deixar carregar pelo seu

movimento que busquei as questões de pesquisa em educação das artes visuais e me deixei embalar pelas ondas de idéias que elas sugerem. Coisas de mar, coisas de pesquisa.

Quando decidi fazer uma análise das questões de pesquisa apresentadas pelos pesquisadores da área no 17º Encontro Nacional da ANPAP, percebi que a proposta era atraente e desafiadora, assim como se eu fosse viajar sem rumo, por onde o mar me levasse. Lancei-me em sonhos, assustada. Minhas primeiras sensações, confesso, foram de 'desassossego'. Ouvia novamente Mia Couto, entendia com ele que quem viaja é o mar...

Esforçando-me para não abalar a poesia do pensamento de Mia Couto, mas investindo nas primeiras analogias que surgiram com a frase, vi pesquisadores como barcos, lançados por sonhos e, estes, como questões de investigação que fustigam viagens para lugares onde os 'pesca(quisa)dores' sabem (?): os mares viajarão... Como barcos, sonhamos viagens, ao mesmo tempo em que nos perguntamos: em que contextos e como seremos lançados? Que ondas marcarão o tempo e que mares nos levarão?

DeSaSSoSSegos e definições

Lançado o barco, busquei uma primeira ajuda para controlar meu desassossego. Lembrei-me do competente trabalho realizado pelas professoras doutoras Analice Dutra Pillar (UFRGS) e Moema Rebouças (UFES), apresentado na mesa de abertura do 17º Encontro Nacional da ANPAP. Apesar de saber que o trabalho ainda estava no prelo, solicitei cópia a colegas e à própria Analice[1]. Rapidamente tive acesso ao texto.

O Panorama de Pesquisa ANPAP – Comitê Ensino e Aprendizagem da Arte, elaborado por Pillar e Rebouças (2007) é um trabalho consistente e detalhado que mostra a inserção dos programas de pós-graduação nos encontros de 2005, 2006 e 2007, indicando, através de mapas e análises, as instituições participantes, o quadro de pesquisadores presentes, os temas e referenciais dos estudos, além dos focos e campos de desenvolvimento das pesquisas apresentadas naqueles três encontros. Segundo as autoras, os espaços formais e não formais de ensino e a pesquisa empírica são privilegiados nas investigações. Nesse mapeamento elas citam, dentre outras, investigações

realizadas “no e para os espaços educativos”, “englobando metodologias de ensino como as mediações estéticas e culturais; de formação do docente das artes, das relações entre arte, cultura e mídias, e dos processos de criação” (no prelo).

Pillar e Rebouças apontam como um dado significativo o fato de que dentre as 118 pesquisas apresentadas nos três encontros, apenas uma é de responsabilidade de uma professora de Educação Básica. Estes e outros destaques do trabalho sustentam minha convicção de que esta publicação, além de cobrir uma lacuna, será um estímulo para novos olhares e traçados sobre o panorama de pesquisa na área da educação das artes visuais.

Enquanto lia o Panorama, tentava ouvir meus sonhos e desejar viagens que me levassem pelas questões que encontrava, tão diversas e amplas. Apesar das ondas de desejos que me estimulavam a dar continuidade às análises de Pillar e Rebouças, talvez colocando o foco em um dos três encontros ou, então, fazendo um recorte sobre as pesquisas desenvolvidas no ensino fundamental – que as autoras observam ser freqüentes – terminei optando por outra escolha.

Principalmente, quis satisfazer um desejo de que pudéssemos nos aproximar de questões que estavam nos acompanhando, de refletir sobre elas como focos que motivam nossos interesses de pesquisa e como pontos que fazem convergir atenção de pesquisadores, professores e alunos. Seguindo este desejo, decidi debruçar-me sobre as pesquisas apresentadas no último Encontro Nacional da ANPAP (17º) para o qual o Panorama havia sido solicitado, mas que não cobria o referido evento já que este ainda estava por acontecer.

A publicação dos anais do 17º encontro foi realizada em meio digital, minha única fonte de análise. O processo de trabalho incluiu rever os textos das pesquisas apresentadas ao Comitê de Ensino e Aprendizagem – atualmente denominado Comitê de Educação em Artes Visuais - ‘pescando’ as questões que os/as autores/as formulavam e/ou citavam. Recolhidas as questões e enfrentando ondas ainda mais agitadas, criei temas que permitissem reuni-las para uma reflexão sobre nossas preocupações e interesses investigativos, ou, prosseguindo com Mia Couto, uma reflexão sobre rotas epistemológicas através das quais as águas nos levavam.

Assim, levantei as questões, fiz algumas tentativas de agrupá-las e, depois de viajar um pouco com elas em mente e com possibilidades de organizá-las, defini os temas que entendi melhor reuni-las e orientar minhas reflexões. Para cada tema ou conjunto de questões projetei uma idéia de percurso para onde podia seguir viagem.

Olhando as águas que as questões fazem mover

Barcos, sonhos, viagens e mar são imagens deflagradoras de fortes e profundas sensações tanto sobre o tema que o 17º Encontro da Associação Nacional de Pesquisa em Artes Plásticas[2] propôs - Panorama da Pesquisa em Artes Visuais - como para os temas que constituem este trabalho.

Conforme assinalei, guiei meu olhar para as perguntas que os pesquisadores levantam e, em alguns casos, aquelas que escolhem citar no desenvolvimento de suas reflexões. São as perguntas que nos incomodam, que nos provocam, que nos fazem inventar maneiras de conhecer. Conforme já disseram, a ciência avança pelas perguntas que faz e não necessariamente pelas respostas que encontra. Cada pergunta nos oferece a chance de criar mais uma explicação para nossa relação com o mundo.

Levantar as perguntas que temos feito nas nossas práticas investigativas pode nos fornecer disposição para estar atentos ao que nos une enquanto campo de conhecimento, mas também, mostrar a complexidade dos fenômenos que estudamos e a diversidade dos temas que enfrentamos. Quando atentamos para as questões que levantamos fica evidente que somos muitos e precisamos de mais. Conhecer as perguntas que têm nos interessado é uma maneira de "superar as limitações do reducionismo monológico, ao mesmo tempo em que leva em conta as novas perspectivas abertas pelo domínio do multilógico", conforme observa Kincheloe e Berry (2007, p.18).

Assumo o risco de uma possível fragmentação ou até desconexão entre as ondas que tal vaga de perguntas pode gerar. Afinal, pinçar questões de pesquisas tão diversas pode confundir em vez de projetar uma visão mais clara do campo. Porém, fiz um esforço para explorar formas de compreender e inter-relacionar as perguntas que encontrei, principalmente com o objetivo de expor

algumas idéias que podem servir como caracterização da 'água-mãe' que tem nos levado a viajar na pesquisa em educação das artes visuais.

Os anais do 17º ANPAP apresentam 60 trabalhos envolvendo 94 pesquisadores de 23 instituições. Encontrei mais de 200 perguntas nestes trabalhos e, dos 60, apenas 14 não apresentavam questões. Pensei nestas perguntas como sinais, sintomas, indícios de inquietações que não visam uma resolução e, sim, formas sutis de trabalhar com o conhecimento, de discernir novos tópicos a serem estudados e de abrir novas rotas especulativas e epistemológicas.

Prestando atenção a estas questões podemos observar quais delas são validadas, quais perduram, quais são reinscritas em contextos diferenciados e, ainda, quais são postas de lado ou nem aparecem. No fundo, a questão a qual me apego é: que perguntas vêm sendo formuladas pelos pesquisadores? O que tem lhes interessado estudar?

Marcando pontos da viagem

Como esclareci, nesta viagem em que me deixei levar, anotei os tópicos que caracterizavam as perguntas e três deles se destacam, servindo de roteiro para apresentá-las. Enquanto anotava, lembrava que as perguntas que formulamos se originam tanto de deliberações racionais quanto de impulsos afetivos marcados pelos contextos, pela subjetividade dos pesquisadores e pelas dinâmicas do processo de investigação. Na impossibilidade de reproduzir aqui as mais de duzentas questões que encontrei, os motivos que me levaram a escolher umas e passar ao largo de outras também foram deliberações racionais e impulsos afetivos[3]. Além das deliberações e impulsos, minhas escolhas também visam evidenciar a diversidade de questões presentes nesses estudos e, ainda, mostrar como – apesar de parecer paradoxal - preocupações comuns podem agregar tais perguntas.

A princípio, as questões indicaram tópicos; depois, os tópicos atraíram questões e, mais adiante, sub-tópicos despregaram-se dos tópicos indicando outros impulsos investigativos que também configuravam interesses dos pesca(quisa)dores da área... Seguirei o roteiro de tópicos e sub-tópicos apresentando exemplos de questões referentes a cada um deles. Ao final de

cada tópico e sub-tópico, traço uma idéia de percurso – breves comentários que desenham um contorno para as questões. Apesar de não me deter em cada pergunta, espero que elas ecoem para a reflexão individual dos leitores. Na expectativa de facilitar a compreensão da estrutura que me guiará, listo, abaixo os tópicos, sub- tópicos e suas respectivas idéias de percurso:

3.1 Tópico I: Paradigmas epistemológicos e pedagógicos
3.1.1 *Idéia de Percurso: socialização e individualização*
3.2 Tópico II: Processos e especificidades
3.2.1 *Idéia de Percurso: Modos de ser, fazer, construir*
3.2.2 Sub-tópico I: In/Exclusão
3.2.2.1 *Idéia de Percurso: Ensinar para a esperança social*
3.2.3 Sub-tópico II: Trabalhar com o que temos, com os lugares que vivemos, com o que somos
3.2.3.1 *Idéia de Percurso: Práticas culturais e cotidiano*
3.2.4 Sub-tópico III: Rever para construir
3.2.4.1 *Idéia de Percurso: Pertencimento e Projetos*
3.3 Tópico III: Auto-Criação e Criação de novos mundos
3.3.1 *Idéia de Percurso: Narrativas inspiradoras e utopias nebulosas*
3.3.2 Sub-tópico I: E a história não acabou ainda
3.3.2.1 *Idéia de Percurso: Imaginação crítica e apostas*

3.1 Tópico I: Paradigmas epistemológicos e pedagógicos

Exemplos de questões que compreendem este primeiro tópico são[4]: **(1)** Como a educação estética e artística podem auxiliar na formação de sujeitos complexos? **(2)** Qual é o uso social de uma inteligência própria à sensibilidade, especificidade da arte? **(3)** Qual seria o campo intelectual do ensino de Artes Visuais? **(4)** O que se busca no ensino de arte? **(5)** Qual a importância da palavra e da representação plástica em minha vida individual e coletiva? **(6)** O que é belo? O que é estético? **(7)** Qual a distância entre arte e artesanato? O que caracteriza cada um desses campos de conhecimento? **(8)** Que fronteiras ultrapassar? Quais preservar? Que deslocamentos fazer? **(9)** Existe dúvida em arte?

3.1.1 Idéia de percurso: Socialização e Individualização

Para inter-relacionar estas questões escolhi os conceitos de socialização e individualização. Duas faces de um mesmo processo, o da educação, diria que estes conceitos encontram posição validada nesses estudos em educação das artes visuais.

A crítica a uma socialização alienante e a um individualismo exacerbado busca e elabora uma concepção ativa da prática pedagógica, não mais centrada nos professores ou em conteúdos pré-estabelecidos, mas num processo de empoderamento e agenciamento, negociado e mediado pelas práticas das relações de ensino, aprendizagem e pesquisa. Socialização e individualização colocam em ação uma inevitável complementaridade entre identidade e alteridade. Contra o cartesianismo do 'penso, logo existo', fundamos nossos paradigmas na idéia de que 'eu sou porque nós somos'. Há, aqui, a compreensão de que não temos uma identidade fixa, de que somos o que vamos nos tornando e que, portanto, a educação em artes visuais visa provocar deslocamentos, trazer à tona conflitos de nossas vivências, questionar nossas práticas e maneiras de olhar reforçando a experiência social que nos constrói enquanto seres culturais.

3.2 Tópico II: Processos e especificidades

O número de perguntas que poderia incluir neste bloco é o mais elevado. Exemplos são: **(1)** Como acontece a imitação? **(2)** Como buscar um diálogo entre universidade e escola? **(3)** Como as informações são apreendidas? **(4)** Como ensinar artes visuais? **(5)** Como proporcionar que a inteligência da prática alcance níveis cada vez melhores na realização das tarefas? **(6)** Como especificar o processo de formação do artista? Como organizá-lo pelos modos mesmos dessa especificação? **(7)** Qual a eficácia de um processo de construção de conhecimento elaborado por alguém que não sabe fazer o que ensina? **(8)** Quem é esse sujeito que diante de tantas questões (...) busca um curso superior em artes, e por que o faz?

3.2.1 Idéia de percurso: Modos de ser, fazer, construir

No caso desse conjunto de questões, sobressaem os interesses pelos modos de ser, fazer, construir o currículo, a formação, o ensino, as práticas. São questões que evidenciam níveis diferentes de preocupação, porém, atreladas a processos e especificidades que correspondem a uma ampla e flexível margem de preocupações com as ações a serem levadas à cabo na educação das artes visuais.

Essas perguntas também sugerem e apelam à mudança, à inovação, à renovação. Via questionamentos reforça-se a necessidade de transformar as práticas de ver, fazer e refletir sobre e com as artes visuais. Outra sugestão dessas questões aponta para o fortalecimento de conhecimentos que expressem um comprometimento com a formação de indivíduos preparados para conviver e atuar em uma sociedade mais democrática. Nesse sentido, ressaltam-se papéis da educação em artes visuais nos quais a ênfase recai sobre saberes coletivos, sempre maiores e mais complexos que a soma dos conhecimentos individuais.

3.2.2 In/Exclusão

As questões desse sub-tópico apontam para processos de educação em artes visuais que tomam a noção de diferença como eixo principal: **(1)** Onde irão se apoiar as referências de mundo e espaço de uma pessoa cega? **(2)** Como os objetos artísticos representam o diferente? **(3)** Como se dão as aprendizagens dos conteúdos de arte para os deficientes mentais? **(4)** O que significa ser um índio no Brasil, hoje? **(5)** Como se constitui o olhar na produção artística dos cegos? **(6)** Como promover o encontro de mundos tão diferentes: alunos e suas diferenças, a reprodução da obra e suas especificidades e o aluno autista?

3.2.2.1 Idéia de Percurso: Ensinar para a esperança social

O ponto de convergência que encontro nestas perguntas é a idéia de ‘ensinar para a esperança social’. A vontade de institucionalizar a solidariedade, a igualdade e a interação colocam, através dessas perguntas, o foco primordial da ação pedagógica nos diferentes sujeitos protagonistas da escola e de outros

espaços educativos. As perguntas parecem propor uma mudança que, neste caso, é pensar a escola não como instituição que ensina, mas como lugar onde se aprende a ensinar. O foco nos professores se constrói em favor de uma pedagogia operante, interessada, crítica e responsável.

Nesse contexto, "tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, também têm uma "pedagogia", também ensinam alguma coisa" (Silva, 2002, p.139). Silva (2002) analisa este posicionamento e afirma:

> Agora a equiparação está completa: através desta perspectiva, ao mesmo tempo que a cultura em geral é vista como uma pedagogia, a pedagogia é vista como uma forma cultural: o cultural torna-se pedagógico e a pedagogia torna-se cultural. É dessa perspectiva que os processos escolares se tornam comparáveis aos processos de sistemas culturais extra-escolares, como os programas de televisão ou as exposições de museus, por exemplo, para citar duas instâncias praticamente "opostas" (p. 139).

Entretanto, questões de gênero, homossexualidade, classe social, etnia, credos, faixa etária e outras variáveis tão presentes no discurso crítico pós-moderno são ainda quase ausentes ou ficam ocultas sob visões nas quais a integração parece minimizar a reflexão sobre as relações de poder ou sobre as posturas de afastamento e resistência tão presentes nas salas de aula das nossas escolas.

De toda forma, nestas questões encontramos uma linguagem de hospitalidade frente às demandas contemporâneas de solidariedade, justiça social e direitos humanos. Também é de hospitalidade a linguagem sobre o conhecimento, sobre a necessidade de flexibilidade intelectual e, sobretudo, sobre a importância da escola e dos espaços educativos como lugares de constituição de identidades. A marca deste percurso não é apenas pensar a diferença para aqueles que têm necessidades especiais, mas, para além disso, pensar que todos temos necessidades especiais, carências e fragilidades que se intensificam, são neutralizadas ou, até, naturalizadas, nas contingências dos contextos, também diferenciados, em que convivemos.

3.2.3 Trabalhar com o que temos, com os lugares em que vivemos e com o que somos

O conjunto de questões deste sub-tópico aprofunda situações concretas de interação nas quais imagens e arte são vistas como geradoras de articulações de sentidos para nossas experiências: **(1)** Que conteúdos podem ser trabalhados a partir da obra 'A Máscara e a Face' (Bruno Giorgi) ou o 'Manto da Apresentação' (Bispo do Rosário)? **(2)** Você acha que a publicidade, as novelas, os filmes influenciam as pessoas a serem mascaradas nas suas relações pessoais e profissionais? **(3)** Como as crianças entendem o que vêm no desenho animado? **(4)** Como este conteúdo me afeta? O que ele me diz? Como me toca? **(5)** Como as diferenças qualitativas entre masculino e feminino são mostradas no desenho animado? **(6)** Parece que o que interessa está além do bairro e não necessariamente nele... mas, e no bairro, o que há? **(7)** Quais os critérios a serem privilegiados na seleção dos filmes para a educação da cultura visual? **(8)** Em que medida é possível considerar que a internet pode ser vista como campo de aprendizado na compreensão de imagens, na construção subjetiva, e elaboração a partir de certos contextos? **(9)** Com qual ou quais gêneros cinematográficos devemos trabalhar?

3.2.3.1 Idéia de Percurso: Práticas culturais e cotidiano

As perguntas deste bloco evidenciam sintonia com as transformações e demandas da contemporaneidade. Arte como prática (multi)cultural e, também, educação aliada à experiência cotidiana são posições incorporadas na maioria das investigações que se debruçam sobre processos de aprender e ensinar. O princípio gerador de reflexão e ação exposto nestas perguntas move-se com o cotidiano, com as experiências vividas no dia-a-dia de alunos e professores. A necessidade de criar e estabelecer vínculos com a comunidade, o exercício do pensamento crítico e o respeito à diferença também são temas presentes nessas indagações.

A importância de territorializar as práticas de investigação e de aprendizagem estimula pesquisadores e professores a transitarem entre subjetividades e entre espaços e tempos em constante transformação. Territorializar não é fixar-se num cotidiano, qualquer que seja ele, mas permitir-se um movimento

constante de ir e vir, de aproximação e distanciamento entre o conhecido e o inesperado, entre significados tradicionais e emergentes. Cabe aqui lembrar outra vez Mia Couto (2006), através de um poema encontrado entre os papéis de uma de suas personagens:

> Olhos, vale tê-los, se, de quando em quando, somos cegos e o que vemos não é o que olhamos, mas o que o nosso olhar semeia no mais denso escuro. Vida, vale vivê-la se de quando em quando morremos e o que vivemos não é o que a Vida nos dá nem o que dela colhemos, mas o que semeamos em pleno deserto (p.316).

O percurso que esta idéia reforça remete a questões curriculares constantes e contingentes: pensar os fundamentos, as finalidades, os percursos e as experiências que desenvolvemos para investigar, aprender e ensinar. Falam de critérios, de conteúdos, de compreensão, de significado. Falam, especialmente, de poder ver, mas também de construir a partir da cegueira; de viver, mas também morrer para encontrar novas perguntas e explicações que orientem nossas pesquisas.

3.2.4 Rever para reconstruir

As questões deste sub-tópico estão diretamente implicadas com aquelas do sub-tópico anterior: **(1)** Se você tivesse que atribuir uma nota a seu desempenho, que pontuação se daria e por que? **(2)** O que fazemos todo dia e nunca paramos para pensar? **(3)** Se freqüentemente as crianças são incentivadas a parecer-se com adultos, por que para determinadas situações são consideradas tão pequenas? **(4)** O que você achou da forma de avaliação?

3.2.4.1 Idéia de Percurso: Pertencimento e Projetos

Depreendo destas perguntas um pensamento que vê o ato pedagógico como ato expressivo, a pedagogia como performance e a pesquisa como busca itinerante, carregada de sentidos que agregam à aprendizagem e ao ensino, elementos de contradição, de incertezas. Percebo através dessas questões que estamos tratando tanto da avaliação <u>da</u>, como da avaliação <u>para</u> a aprendizagem. São elementos que nos levam a compreender como a arte não apenas oferece, mas também retira a paz, discrimina pessoas, lugares e tempos, além de evidenciar as desumanidades que cometemos. Deste modo,

para fortalecer o sentido de pertencimento e criar condições de possibilidade para fazer projetos, não nos basta, com e através da arte, tomar consciência dos processos de diferenciação discriminatória e das formas como eles marcam nossas identidades e desejos. É necessário rever e reconstruir, ir além da tomada de consciência para perceber, refletir e agir sobre a gravidade desses processos.

3.3 Tópico III: Auto-criação e criação de novos mundos

Este, e o sub-tópico seguinte reúnem perguntas que se associam às possibilidades da pesquisa para visualizar melhorias na vida, buscar conquistas na escola e no mundo fora dela, projetar formas de alcançar autonomia e liberdade: **(1)** Haveria espaço para a invenção e criação na docência, e como nos inventaríamos como docentes? **(2)** Como conectar as questões de uma educação multicultural e de cultura visual à prática pedagógica? **(3)** Como os professores de artes visuais deveriam responder a este tempo contemporâneo? **(4)** Que relações podem ser estabelecidas entre uma obra com outras áreas de conhecimento e saberes não sistematizados? **(5)** Será que... não estamos exercitando a flexibilidade, os afetos, as possibilidades de diálogo entre as várias áreas do conhecimento?

3.3.1 Idéia de Percurso: Narrativas inspiradoras e utopias nebulosas

Minha reflexão caminha para nos perguntar se o foco no futuro – da pesquisa, da educação - não é, algumas vezes, demasiado. Sabemos que a escola tem a responsabilidade de pensar para onde e como os alunos seguirão suas vidas e como os professores darão continuidade a seu processo de formação e interesses de pesquisa. Porém, compreender o agora como um inimigo ou como uma limitação pode levar a práticas ineficientes que colocam apenas no futuro a possibilidade de realização, de uma complementação do ‘eu’, como se isso fosse viável, como se existisse esta realização. Essa complementação futura do ‘eu’ se torna ainda mais impensável se nos negarmos a assumir a futilidade e loucura que é dizer não ao presente. O presente é tudo que temos e não nos larga.

3.3.2 E a história não acabou ainda...

Apesar da força do presente e da necessidade de pensar no futuro, nossa sorte é que a história ainda não acabou...: **(1)** Haveria espaço para trabalhar a desfronteirização pedagógica entre arte e não arte? **(2)** Quem disse, e porque razões, que os alunos devem ser sempre agrupados de acordo com uma determinada faixa etária? **(3)** Quem hoje está planejando para o resto da vida? **(4)** Qual a repercussão das trajetórias de vida e profissional sobre a prática pedagógica e artística em diferentes momentos da carreira? **(5)** Estamos nós fomentando e praticando outros modos de pensar e praticar o ensino e a aprendizagem da arte, contemporâneos de nós mesmos?

3.3.2.1 Idéia de Percurso: Imaginação crítica e apostas

Como é o mar que viaja, não tenho poder para terminar esta viagem. Interrompo a ação de registrar suas marcas destacando a idéia de 'imaginação crítica e apostas' como necessidade de percursos sempre em aberto. Essa idéia evidencia duas inquietações que ficam anotadas neste trajeto. A primeira diz respeito a um certo sabor de apaziguamento, um tom conciliador que transparece nas nossas questões e, em decorrência, nas concepções de pesquisa e sua prática. A idéia de arte como motor para refletir, experimentar e explicitar conflitos e ambigüidades ainda tem merecido pouca atenção. Essa inquietação é acrescida da observação de que a prática, a experiência de produção/construção de arte ganha pouco espaço nessas questões. Será que a história de uma pedagogia centrada no fazer, quase sempre irrefletido e repetitivo, que dominou o ensino e a aprendizagem de arte, serviu para acalmar - em demasia - as ondas que poderiam nos levar a investigar porque, como e para que precisamos e experimentamos este fazer?

A segunda inquietação que me perturbou refere-se à questão, ainda central, sobre o valor e as justificativas para a educação nas artes visuais. Encontro um alívio na reflexão recente que Ivor Goodson (2008) faz sobre o tema. Sua análise coloca em jogo a relação entre **status** e **significado** das áreas de conhecimento que se tornam disciplinas escolares. Segundo ele, as disciplinas que se preocupam com a criatividade – imaginação, inventividade - e a educação de/para todos – a arte sendo um exemplo – tendem a ter seu status

e recursos reduzidos justamente porque não estão exclusivamente ocupadas com a preparação de uma minoria profissionalizada. Talvez, então, de alguma maneira – diz ele – apesar de todos os problemas de status e recursos que as artes enfrentam, elas ocupam uma posição afortunada em relação às possibilidades educacionais que oferecem para todos os estudantes. Se o status da arte é baixo, o significado é altíssimo. Concordando com Goodson, não posso pensar em melhor justificativa para uma área de investigação: seus significados para qualquer um de nós. Esta é a aposta que ouço com estas perguntas.

Os tópicos e idéias de percurso que apreendi com estas perguntas servem não apenas para nos ajudar a rever os caminhos por onde passamos e estamos navegando. Servem, ainda, agora que estamos molhados das águas que nos movem, para entrar num jogo imaginativo que nos provoque constantemente a buscar formas de pesquisar mais adequadas, criativas, sensíveis e ousadas.

Finalizando, chamo a atenção para a diversidade das perguntas. Celebro este fato. Apesar de ter enfatizado consensos, 'topificando' as diferenças, as perguntas das pesquisas do Comitê de Ensino Aprendizagem do 17º ANPAP se distinguem pela estrutura, foco, contexto e abrangência. Celebro este fato - a diversidade - porque sou avessa à ortodoxia intelectual e porque vejo na diversidade um campo propício para a eclosão enriquecedora de dissidências. Para mim, esta diversidade merece ser radicalmente defendida contra as tentações de um modelo positivista, cientificista de pesquisa. A diversidade destas perguntas merece ser defendida, também, porque aponta vias cheias de coragem para afrontar/enfrentar este século, com todos seus deuses, deusas e demônios.

---

[1] Agradeço às Professoras Doutoras Maria Luiza Batezart Duarte, Sandra Regina Ramalho e Oliveira e, especialmente, Analice Dutra Pillar, pela generosidade e presteza com que atenderam a minha solicitação de acesso ao trabalho.

[2] 17º Encontro da ANPAP realizado em Florianópolis, SC, agosto de 2008, (meio digital).

[3] Em razão dos limites desse texto, não apresento as referências bibliográficas para as questões. Em alguns casos, juntei ou separei questões, ou seja, duas questões de um mesmo texto não se encontram, necessariamente, sob o mesmo tópico.

[4] As perguntas estão apresentadas conforme aparecem na publicação.

Referências Bibliográficas

COUTO, M. **Mar me quer.** Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

_____ . **O Outro pé da Sereia.** Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

GOODSON, I. Status versus significance in school subject. (unpublished paper, 2008).

KINCHELOE, J. e BERRY, K. **Pesquisa em Educação.** Conceituando a bricolagem. Porto Alegre: artmed, 2007.

PILLAR, A. D. e REBOUÇAS, M. Panorama de Pesquisa ANPAP – Comitê Ensino e Aprendizagem da Arte, no prelo.

SILVA, T. T. **Documentos de Identidade** – Uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Irene Tourinho é professora titular da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, docente e coordenadora (2009/2011) do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual – Mestrado. É doutora pela Universidade de Wisconsin – Madison (EUA) e pós-doutora pela Universidade de Barcelona, Espanha, onde também foi professora visitante.